

# A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Denise Pereira  
(Organizadora)



**Denise Pereira**  
(Organizadora)

# A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-282-1

DOI 10.22533/at.ed.821192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A transversalidade da Prática do Profissional de História

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.  
Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A DRAMATURGIA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA ILUMINAÇÃO CÊNICA, QUESTÕES DE ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ANDAMENTO	
<a href="#">Berilo Luigi Deiró Nosella</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA (EPA) COMO COMPONENTE CURRICULAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA BAHIA: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO DOUTOR JUCA SENTO-SÉ	
<a href="#">Angla Pereira dos Santos Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>14</b>
A ESCOLARIZAÇÃO EM ITABORAÍ-RJ NO PERÍODO IMPERIAL (1840-1888)	
<a href="#">Regina Coeli Alcantara Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>24</b>
A FORMAÇÃO DE MÉDICOS NEGROS NAS ESCOLAS MÉDICAS BRASILEIRAS	
<a href="#">Helber Renato Feydit de Medeiros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925045</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>31</b>
A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO	
<a href="#">Marília Villanova Rodriguês</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>38</b>
A LINHA DURA NACIONALISTA E A “NASSERIZAÇÃO FRUSTRADA” DO REGIME MILITAR BRASILEIRO	
<a href="#">Guillaume Azevedo Marques de Saes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>46</b>
A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE REINALDO ARENAS (1943-1990)	
<a href="#">Bruna Alves Carvalho Mendes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>54</b>
A NAÇÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESPORTE <sup>1</sup>	
<a href="#">Eduardo de Souza Gomes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>65</b>
A POLÍTICA INVADE O VERSO: REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA POESIA DE BAUDELAIRE	
<a href="#">Marcos Antonio de Menezes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925049</b>	

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>76</b>
CONSERVADORISMO E PERSPECTIVA VARNHAGENIANA: ANÁLISE DE UM CONCEITO	
<a href="#">Ingrid Silva Lucas</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>85</b>
DA IGREJA AO CAMPO SANTO: O NASCIMENTO DOS CEMITÉRIOS E O MONOPÓLIO DA MORTE NO BRASIL DO SÉCULO XIX	
<a href="#">Leonardo Oliveira Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>99</b>
DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: Trajetória Política De Eduardo Gomes Em Contextos De Transições	
<a href="#">Flavia Salles Ferro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>105</b>
DO SUBVERSIVO AO TRAFICANTE: O PAPEL DA GUERRA ÀS DROGAS NA CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO INTERNO” NO BRASIL	
<a href="#">Luiz Henrique Santos Brandão</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>120</b>
ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO FILME: DIÁCONOS PELA DEFESA E JUSTIÇA E A CONSTRUÇÃO DO SABER DISCENTE	
<a href="#">Samara Letycia Moura Borges</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>127</b>
ENTRE O DISFORME E O MONSTRO: O CORPO ESPETÁCULO	
<a href="#">Juçara de Souza Nassau</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>137</b>
FUNÇÃO POLÍTICA DA MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO INSTITUCIONAL	
<a href="#">Lindsay Borges</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>153</b>
GÊNERO E DISCURSO NO CURDISTÃO SÍRIO: NOTAS DE PESQUISA	
<a href="#">Maria Raphaela Campello</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>166</b>
GESTÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DO <i>FRONT NATIONAL</i> COM MARINE LE PEN	
<a href="#">Makchwell Coimbra Narcizo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250418</b>	

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>179</b>
HISTÓRIA E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIPTOGRAFIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADA	
Rogério Chaves da Silva	
George Mendes Marra	
Delson Ferreira	
Geovane Reges de Jesus Campos	
Amivaldo Batista dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>195</b>
HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO COMO ATORES POLÍTICOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998	
Fabrício Ferreira de Medeiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>209</b>
INFINITAS MARIAS Conhecendo as Marias desde 1950 PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	
Ronía Batista Vaz Otoni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>217</b>
JORNALISMO LITERÁRIO E PÓS-MEMÓRIA NA ÁFRICA COLONIAL PORTUGUESA DO SÉCULO XX: O CASO DOS LIVROS-REPORTAGEM SOBRE RETORNADOS	
Flávia Arruda Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250422</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>226</b>

## CONSERVADORISMO E PERSPECTIVA VARNHAGENIANA: ANÁLISE DE UM CONCEITO

**Ingrid Silva Lucas**

Programa de Pós-Graduação em História, UNIRIO  
(Universidade Federal do Estado do  
Rio de Janeiro). Rio de Janeiro – RJ

**RESUMO:** O presente trabalho busca, partindo do prisma da História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*) de Reinhart Koselleck, refletir e traçar uma discussão a respeito da possível compreensão da ideia de *Conservadorismo* atribuída ao historiador e diplomata brasileiro, Francisco Adolpho de Varnhagen (1816-1878). Nesta perspectiva, discutiremos nas linhas a seguir como tal noção é assimilada no contexto do Império do Brasil.

Na busca de traçar um debate acerca das compreensões a respeito deste conceito no contexto oitocentista empreendemos levantar debates a respeito de como ideias primordiais para a análise do Conservadorismo, como a concepção de Revolução, por exemplo, recebeu uma força tal ao longo dos séculos XVIII e XIX que reconfigurou o *status quo* e os diálogos políticos, não só na Europa, mas no que concerne ao ocidente, de forma geral, caracterizando políticos, intelectuais, jornalistas, etc.

Neste sentido é importante ressaltar como, a partir dos conflitos e ideias aprofundadas entre *Velho e o Novo Mundo, a ordem de coisas se*

altera e os novos conceitos são cunhados e *ressignificados* ao longo dos séculos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conservadorismo – Revolução – Historiador - Conceito

**ABSTRACT:** From the perspective of Reinhart Koselleck's History of Concepts (*Begriffsgeschichte*), this paper seeks to reflect on and discuss a possible understanding of the idea of conservatism attributed to the Brazilian historian and diplomat, Francisco Adolpho de Varnhagen (1816-1878). In this perspective, we will discuss in the following lines how such notion is assimilated in the context of the Empire of Brazil.

In the quest to draw a debate about the understandings about this concept in the nineteenth century we started to raise debates about how ideas primordial for the analysis of Conservatism, as the conception of Revolution, for example, received such a force throughout the XVIII and XIX that reconfigured the status quo and political dialogues, not only in Europe, but also in the West, in a general way, characterizing politicians, intellectuals, journalists, etc.

In this sense, it is important to point out how, from the conflicts and deep ideas between the Old and the New World, the order of things changes and the new concepts are coined and redefined over the centuries.

**KEYWORDS:** Conservatism – Revolution –

## Historian – Concept

A palavra pode permanecer a mesma (a tradução do conceito), no entanto o conteúdo por ela designado altera-se substancialmente (...). Isto significa assumir sua variação temporal, por isso mesmo histórica, donde seu caráter único articulado ao momento de sua utilização. (KOSELLECK, R. 1992: 5)

### 1 | INTRODUÇÃO:

Francisco Adolpho de Varnhagen (1816-1878), Visconde de Porto Seguro, amplamente conhecido por sua contribuição à historiografia brasileira, e por muitos tratado, por tal empenho, como “primeiro historiador brasileiro”.

Nasceu em Sorocaba-SP, filho do engenheiro alemão - o Coronel Frederico Luís Guilherme de Varnhagen e de D<sup>a</sup>. Maria Flávia de Sá Magalhães, de nacionalidade portuguesa. Coursou o Real Colégio Militar da Luz (Lisboa), matriculando-se, em seguida, na Academia da Marinha. Aderiu à causa do ex-Imperador D. Pedro I, na disputa pela coroa portuguesa, engajado no 2º Batalhão de Artilharia.

Promovido a oficial, ingressou na Academia de Fortificações, onde concluiu o curso de engenheiro militar em 1834. Estudioso da poesia medieval lusitana, frequentador das rodas literárias lisboetas, aproximou-se de Alexandre Herculano e do Cardeal D. Francisco de São Luís, o que lhe valeu uma recomendação para ter acesso aos arquivos da Torre do Tombo. Lá, ele iniciaria suas atividades na pesquisa documental, encontrando um tesouro praticamente intocado, que soube explorar como ninguém, conforme notou Capistrano de Abreu. (...) foi eleito sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – o IHGB, que nessa época havia iniciado um programa de investigação, subsidiado pelo governo imperial, enviando estudiosos aos arquivos europeus, a fim de coletar e extrair cópia de documentos e diplomas para a escrita da história pátria. (GUIMARÃES, Lucia M. P., 2016).

É igualmente conhecido pela descrição e/ou característica de *conservador* por aqueles que se debruçam sobre seu pensamento e obras.

Podemos perceber o destaque de tal característica *a posteriori* das contribuições varnhagenianas e de seu período, com destaque para uma historiografia que o compreende desta forma, direta ou indiretamente. Investigadores como Nilo Odália (1997), José Carlos Reis (2006), Antonio Paim (2011) e, em especial, Arno Wehling (2013) o constituem desta forma e tal concepção serve como elã desta análise.

Neste contexto, o principal elemento que percorremos neste artigo é justamente este conceito que é vastamente utilizado para caracterizá-lo, no entanto, ao mesmo tempo é de tão imbricada compreensão no contexto em que se insere o historiador: o Brasil do século XIX.

### 2 | CONTEXTO HISTÓRICO

Sem dúvidas, a fase que abarca o Período Regencial e o Segundo Império é bastante conturbado politicamente, e, ainda que se buscasse um apaziguamento

das tensões advindas das demandas sociais, estas perduravam; ainda que a figura imperial tenha amenizado tais questões.

A Regência, compreendida em quase dez anos da primeira metade do século XIX (1831-1840) se faz um excelente ponto de partida para levantarmos questionamentos relevantes que a História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*) nos auxiliará responder, ou melhor, a aprofundá-los. Destacamos tais pontos a seguir, pois estes se fazem importantes, uma vez que se é demasiadamente complicada a compreensão da linguagem política no Império sem o entendimento da linguagem política de fins da Regência.

Na fase regencial tínhamos o que o professor Marco Morel (2003) intitula de uma sociedade *multifacetada*, dividida principalmente em três *partidos* políticos que refletiam algumas das faces que permeavam o contexto imperial: o partido *Restaurador*, o *Exaltado* e o *Moderado*. No entanto, é necessário destacar que o termo partido político, embora utilizado, não pode abarcar a compreensão do período para o termo, tampouco podemos compreender nesta fase uma estrutura de partido político como o entendido a partir do século XX (MOREL, 2003: 32). É preciso compreender aqui que se trata de uma espécie de conjunto de pensamento que caracteriza determinado grupo.

Ressaltado isso, frisamos que o primeiro grupo, também chamados de *caramurus*, estava totalmente vinculado à ideia de uma centralização maior do poder, e em alguns casos, ao regresso de Dom Pedro I ao trono, ou seja, como afirma Morel (Idem), a Restauração possuía uma forte tendência antiliberal e “aparecia como negação da independência brasileira de 1822, quando no Rio de Janeiro se aludia à feliz revolução de 1640 (fim da União Ibérica) , ou seja, ao patriotismo português” (MOREL, 2003: 37).

O segundo rosto da sociedade, destacado no parágrafo anterior através destes “partidos”, se refere ao eixo dos *liberais exaltados*, que por sua vez tinham um discurso federalista e descentralizador, agregador, em menor ou maior grau das camadas pobres da sociedade; sem dúvidas, foi um eixo profundamente influenciado pelos movimentos sociais ocorridos na Europa (especialmente na França), e, como destaca Marcelo Basille (2014), “inspirados, sobretudo por Rousseau, Montesquieu e Paine” (2014: 61); e influenciador das inúmeras revoltas e outras manifestações sociais no período regencial.

Por fim, a representação dos moderados (que deram tom ao governo), que eram influenciados pelos pensamentos de Locke, Guizot, Benjamin Constant, podem ser destacado como:

“(…) uma espécie de visão de mundo que permitiria posicionar-se sobre qualquer assunto, um critério para distinguir o que é sábio e civilizado, em harmonia com os costumes e bom senso (...). A moderação, enfim, era apresentada como sinônimo de razão. (...) Outras palavras-chave associam-se à moderação: *juste milieu* (justo equilíbrio), liberdade limitada, monarquia constitucional, soberania nacional, além da recusa do absolutismo e do despotismo e ambiguidade diante da ideia de revolução” (MOREL, 2003: 36).

Dentro deste contexto em que se situam estes *grupos* podemos salientar os diversos conflitos que estes diferentes e por vezes polares pontos de vista se dispunham a travar ao longo do período salientado. No contexto político, em meados da década de 30 do século XIX é possível destacar uma divisão partidária mais clara em suas fronteiras, naquilo que podemos compreender melhor nas nomenclaturas de partidos *Liberal* e *Conservador*. Portanto, iniciando aqui, se podemos estabelecer um marco, a utilização na política, de forma mais clara, o uso do termo “conservador”.

Destacamos neste sentido a abrangência que os liberais tiveram neste período, participando de forma bem-sucedida destes jogos do poder; enfatizamos neste sentido o período da regência do padre Diogo Feijó em 1835, que de certa forma transparece estas vitórias, à exemplo do Ato Adicional de 1834. Avultamos também, em contrapartida, o que podemos chamar de início do declínio dos Liberais: a renúncia do mesmo, dois anos após a esta nomeação, que é um marco do chamado “Regresso Conservador”, que se torna ainda mais visível com a regência de Araújo e Lima a partir de 1838.

Tal ponto de partida se faz *mister* para compreensão da discussão que iremos travar em linhas posteriores, pois no contexto em que progride a nossa discussão, estes embates permanecem e se aprofundam com o fim do Período regencial e a ascensão imperial.

### 3 | IHGB – ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE PENSAMENTO

A unidade: um dos pontos centrais nesta discussão tão abrangente e um dos fatores que inclusive foi utilizado como argumentação dos *Liberais* para o “Golpe da Maioridade”, permaneceu sendo pauta de intensas discussões e que tem em Varnhagen um de seus representantes mais significativos. Neste sentido, destacamos o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) como ponto de encontro desta preocupação.

Destacamos seu ano de fundação: 1838! Momento em que temos na esfera política, como apresentado em linhas anteriores, a ascensão de um conservadorismo. Tal projeto político, como afirma Arno Wehling (1999), tem no IHGB a sua concretização mais bem acabada no que tange a cultura. Algumas de suas principais características perpassam à: ideia de uma monarquia constitucional junto à afirmação de um poder moderador; a estrutura política centralizada mesclada a descentralização administrativa; o abolicionismo gradual; as liberdades completas viabilizada pelas instituições. Este conjunto de fatores nos possibilita identificar pontos de defesa destes conservadores, como destaca o professor Ilmar Rohloff de Mattos (2004). No entanto, o que as linhas até aqui nos ressaltam a complexidade de traçarmos uma “materialidade” do que consiste este conservadorismo em solo brasileiro no século XIX.

Apresento então algumas características do intelectual nesta breve citação:

(...) associando-me ao ponto de partida da história da civilização do Brazil, são actos de Imperial Magnanimidade, que por si sós accusarão aos leitores futuros o

reinado fecundo que produziu a obra, bem que ainda com defeitos, filha de aturado trabalho de uma vida sempre votada ao estudo e à investigação da verdade.” (VARNHAGEN, Dedicatória Tomo Primeiro, Segunda edição, 2017: 9)

Varnhagen se apresenta, então, como um ferrenho defensor da monarquia portuguesa, como destacaram muitos de seus estudiosos; também defensor da unidade territorial, e um historiador preocupado com a ideia de veracidade e imparcialidade de suas contribuições historiográficas, característica esta que refletia o seu contexto e sua ideia de história científica, profundamente influenciada por Ranke (1795 – 1886). “Mesmo para aqueles que não o apreciam (e não parece, nem ontem nem hoje, que sejam poucos) ele se converteu em uma figura incontornável para o entendimento da história da história no e do Brasil” (CEZAR, 2007: 160).

Estes pontos de análise, no entanto, não são suficientes para apontarmos uma finalização para o que perseguimos: a compreensão da ideia de conservadorismo no Brasil oitocentista. Pois ao traçarmos característica do objeto de análise simplificamos o campo que se faz bem mais intrincado, pois este participa de um contexto conservador que o cerca, portanto, que não faz dele seu único representante. Se podemos levantar outro intelectual a nível de comparação, traria José Bonifácio, caracterizado como também conservador, possui diversas características (exemplo da defesa de uma espécie de reforma agrária) que nos permite a percepção do quão complexo é analisar um conceito que utilizamos para articular análises.

#### 4 | O CONSERVADORISMO COMO CONCEITO

Trago o pensamento varnhageniano para a discussão, pois como observado em linhas anteriores, o mesmo é apontado, de forma pouco profunda com a intitulação de *conservador*, por figuras já citadas neste artigo como Arno Wehling, Temístocles Cezar, ou ainda Nilo Odália, e tantas outras figuras que já se desdobraram nas obras do Visconde de Porto Seguro. A partir desta afirmativa, traço aqui, o questionamento, e trago uma breve discussão a respeito da complexidade da conceitualização de um contexto ou figura para aprofundamentos posteriores a respeito do estudo de caso específico.

Já que o intelectual, como salientado, é representativo de uma forma de pensamento e poder no contexto imperial, como podemos compreender então o conservadorismo a partir dele? Ou ainda, traçando este recorte específico, como podemos *historicizar* o conceito de “conservador”?

A partir destas premissas, e compreendendo que tais afirmativas perpassam, elas próprias por um contexto histórico e conceitual, é possível perceber, então um caminho de investigação do conceito analisado. No entanto, não será este nosso objetivo nas linhas posteriores, mas sim analisar a partir da metodologia koseleckeana o conceito anunciado, a linguagem, as relações existentes para que o mesmo se construa no século em que se encontra o personagem levantado.

Destacamos neste sentido a citação que marca o início deste artigo, ou seja, a relevância da *palavra*, salientada por Koselleck em sua publicação: “Uma história dos conceitos: problemas práticos e teóricos”, em outras palavras, a importância de se compreender que o conceito é *polissêmico*, ou seja, pode aderir novos ou concomitantes sentidos de acordo com os eventos e contextos, pois na análise koselleckiana, o conceito se dá como relação entre este e o que ele indica, entre linguagem e evento (oposição em certa medida ao pensamento de Gadamer no que tange ao aspecto da hermenêutica, principalmente).

Ainda neste prisma, podemos destacar igualmente a relação entre *texto* e *contexto*: “Por sua vez esse texto maior, no qual o termo se insere, articula-se a um contexto ainda mais ampliado para além do próprio texto escrito ou falado” (KOSELLECK, 1992: 137). O evento afetará a linguagem, e a linguagem afetará o acontecimento. O conceito está compreendido nesta estrutura de influência mútua; nesta perspectiva, então, podemos analisar o problema posto em questão.

Outro aspecto levantado em linhas anteriores é a questão de *historicizar* um conceito. Quando trazemos este caminho metodológico, estamos ao mesmo tempo colocando a análise de um conceito na dinâmica da *sincronia* e *diacronia* presentes na História. O primeiro se trata dos eventos que ocorrem ao mesmo tempo, ou seja, o contexto, neste caso, em que se insere o conceito analisado. O segundo, porém, pode ser compreendido enquanto dois ou mais eventos semelhantes que ocorrem em períodos diferentes; dentro desta análise, “não é necessário que a permanência e a alteração dos significados das palavras correspondam à permanência e alteração das estruturas por elas designadas” (KOSELLECK, 2006: 114),

Portanto, a *Begriffsgeschichte* pertence a esta dinâmica dos *estratos de tempo*, e com isto, então, ao diálogo, em maior ou menor grau, entre os diferentes níveis temporais. É interessante destacar, neste prisma, que o conceito de *estrato* é criado por Koselleck a partir de concepções de modelos geológicos das camadas para designar as características históricas enquanto estratificadas, importante para agrupar em um mesmo termo a ideia de “contemporaneidade do não contemporâneo” e de *diacronia* e *sincronia* em contextos “heterogêneos”.

Outro traço relevante a ser levantado nestes pontos teóricos em que nos concentramos é a ideia da história enquanto *singularidade*, mas, sobretudo, e especificamente para este caso, como estrutura de *repetição*. Por quê? No caso da *palavra*, como argumenta Reinhart Koselleck (e como é a questão em que nos concentramos), para se tornar um conceito político, além de outras características, necessita de uma *repetição*, sobretudo, para que seja apreendida. Sem repetição não existe conceito.

Destaco um trecho de “Estratos do Tempo” em que o historiador exemplifica este aspecto como forma de elucidação da repetição:

Consideremos o caso banal do carteiro que chega de manhã e traz a notícia da morte de um parente. Ele nos comunica uma ocorrência singular. Mas o fato de

aparecer em determinado horário é um acontecimento recorrente, possibilitado pela administração dos correios, que dispõe de um orçamento anual. O carteiro volta em cada manhã, no mesmo horário, para trazer notícias singulares (KOSELLECK, 2014: 21).

Este exemplo simples demonstra a ideia da repetição estrutural em que a história se coloca e que nos possibilita compreender alguns eventos, alguns personagens e, principalmente neste caso, conceitos que se formam. “Mesmo quem deseja dizer algo novo precisa se expressar na linguagem existente” (idem, 2014, p. 22), portanto, na repetição em que a linguagem se coloca é que há a compreensão. E o exemplo da linguagem é essencial para o trabalho com a abordagem conceitual.

Aplicando, então, o método koselleckeano, podemos ressaltar o *conceito* de Conservadorismo, e destacar que o mesmo só pode ser compreendido no bojo na Revolução Francesa. Como o historiador argumenta, este foi mais um dos “ismos” que a batalha semântica trouxe no contexto da Revolução (Koselleck destaca o período de 1750 a 1850).

Em meio aos complexos acontecimentos revolucionários, podemos colocar como ponto de relevância Edmund Burke, político inglês, considerado o fundador do conservadorismo moderno, e que se destaca para compreendermos o pensamento conservador que estão no contexto pós-Revolução, mas que ainda são fortemente influenciados por ela, não só o imaginário, mas na realidade prática e social daqueles que viviam no Brasil do século XIX, como já discutido anteriormente o caso das diversas revoltas e contestações regenciais e conflitos imperiais.

Burke, principalmente com suas ponderações no contexto de 1789, com suas “Reflexões sobre a Revolução na França” nos permite perceber suas insatisfações com relação à proposta e a agenda revolucionária. Tais contestações, em análise superficial, nos levariam a compreender o conservadorismo como *reação* somente; no entanto, Burke se coloca, por exemplo, favorável às manifestações que eclodiram na independência das Treze Colônias americanas. Estas características nos permitem compreender que a discussão é bem mais profunda e abrangente do que ponderá-lo como simples *reacionário*.

Para Burke, a Revolução Francesa não vislumbrava a liberdade, mas a *anarquia* e a *desordem*. Portanto, a disputa em torno da ideia de *liberdade* estava em jogo. Era um conceito central no embate por legitimidade. Na visão burkeana a já citada Revolução Americana e também a *Gloriosa* na Inglaterra se constituíram como verdadeiras *revoluções*, por estarem contidas na ideia de *retorno à ordem*. Por esta razão apoiou as reivindicações contra o controle excessivo e absoluto da metrópole, além de compreender tais demandas como lícitas, pois como argumenta em uma de suas famosas cartas, *Letter to the sheriffs of Bristol* (1777), era óbvia a necessidade de *maior diálogo e conciliação para que fosse evitada a separação entre a colônia e a metrópole*.

Em última análise, estava em jogo, sobretudo, a disputa conceitual, como forma de

proeminência política, neste emaranhado de *perguntas e respostas*, como argumenta Koselleck (1992). O que define o homem? Ou ainda, é possível defini-lo? Talvez estas sejam algumas das perguntas que alimentavam a querela neste período:

O Conservadorismo surge só como resposta necessária às teorias que, a partir do século XVIII, se distanciaram da visão antropológica tradicional, para reivindicar para o homem a possibilidade, não só de melhorar o próprio conhecimento e seu domínio sobre a natureza, como também alcançar, por meio de ambos, uma autocompreensão cada vez maior e, conseqüentemente, a felicidade. (BOBBIO, 1998, p. 243).

Neste aspecto, analisar o conservadorismo de forma profunda, colocar o estudo de caso específico em relação à outros exemplos, simultâneos ou não, e até mesmo definições diferentes do conceito, permitem a ampliação desta discussão.

Estes pontos nos levam a analisar o pensamento varnhageniano para um estudo do conservadorismo alguns anos após o acontecimento revolucionário, que se trata de um conceito complexo por si só. Como afirma Bobbio (1998), conservadorismo pode ser traçado, em linhas gerais, como uma forma de pensamento que, embora vise certa manutenção da ordem vigente, não opta pela ruptura brutal, mas, por mudanças graduais, valorizando a tradição, as leis e o poder político; sobretudo, a partir de uma ideia de limitação humana que necessita da utilização de tais premissas.

Tal definição nos permite compreender as diversas características do conceito analisado. Muitas delas podemos identificar em Varnhagen, com maior ou menor facilidade, como o aspecto da ordem, manifestada pela valorização da monarquia, por exemplo. Mas, por outro lado, Karl Mannheim (1992), em sua análise sociológica, ressalta a necessidade de analisar com certo cuidado, e conhecer a fundo o movimento e o contexto conservador do período analisado e do país em questão, a fim de compreender as nuances deste pensamento na sociedade estudada.

Partindo desta premissa, portanto, ainda que o conceito seja analisado dentro de um período *sincrônico*, ele necessita também ser investigado dentro de suas possibilidades de articulação *diacrônicas*, ainda que isto signifique compreendê-lo de uma forma na Europa e outra pouco ou bastante diferente em solo brasileiro.

## REFERÊNCIAS

BASILLE, M. **O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840)**. In: O Brasil Imperial. Vol II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BOBBIO, N; MATTEUCCI, GIANFRANCO, P. **Dicionário de Política**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.

CEZAR, Temístocles. **Varnhagen em movimento: Breve antologia de uma existência**. Topói, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, jul-dez. 2007. Disponível em: <<http://socialsciences.scielo.org>>

GUIMARÃES, Lucia M. P. **Biografia**. [www.usp.br/labteo/varnhagen/index.php](http://www.usp.br/labteo/varnhagen/index.php). Acesso em: Jun. 2016.

KOSELLECK, R. **Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. Vol. 5. N. 10, p.134-146. 1992.

\_\_\_\_\_. **Estratos do Tempo:** Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC, 2014.

\_\_\_\_\_. **Futuro Passado:** Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC, 2006.

MANNHEIM, Karl. **O Significado de Conservantismo.** In: Karl Mannheim. USP, São Paulo. Disponível em: <<https://agentenaoquersocomidablog.files.wordpress.com/2016/03/mannheim-k-significado-do-conservantismo.pdf>>. Acesso em: jun. 2017.

MATTOS, Ilmar R. **O Tempo Saquarema.** São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MOREL, M. **O Período das Regências (1831-1870).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ODÁLIA, N. **As Formas do Mesmo:** Ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

PAIM, A. **Introdução:** Varnhagen e os alicerces da historiografia brasileira. In: VARNHAGEN, F. História Geral do Brasil. Salvador: CDPB, 2011.

REIS, J. C. **As Identidades do Brasil:** De Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

VARNHAGEN, F. **História Geral do Brazil.** Vol. 1, 2ª Edição. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01819210#page/7/mode/1up>>.

WEHLING, Arno. **Estado, Historia, Memoria:** Varnhagen e a construção da identidade nacional. Rio de Janeiro: IHGB, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Conservadorismo Reformador de um Liberal:** Varnhagen, publicista e pensador político. In: GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; GLEZER, Raquel (Coord.). Varnhagen no caleidoscópio. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**DENISE PEREIRA** Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-282-1

